

6

AQUI O CONTEÚDO TRANSCENDE A FRASE: O 18 DE BRUMÁRIO COMO CHAVE PARA COMPREENDER A CRÍTICA DE MARX AO SOCIALISMO UTÓPICO¹

Darren Webb²

A chave para entender a crítica de Marx ao socialismo utópico se encontra nas páginas de *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, e mais especificamente em uma particular sentença extraída destas páginas. A sentença em questão é esta: “Lá, a frase transcende o conteúdo, aqui, o conteúdo transcende a frase”, e a chave para entender a crítica de Marx ao socialismo utópico reside, como arguirei nas páginas seguintes, em compreender não tanto por que a frase *teve* que transcender o conteúdo em ambas as revoluções, inglesa e francesa (“lá”) mas, sobretudo, por que o conteúdo da revolução social do século XIX (“aqui”) foi tão real que nenhuma frase utópica poderia fazer justiça.

A chave reside em compreender não tanto por que os porta-vozes das Revoluções Inglesa e Francesa não podiam inspirar ações sem a ajuda de uma linguagem enganosa e utópica, mas, sobretudo, por que teóricos da classe proletária como Marx podiam agora colocar as pessoas em movimento sem ter que fornecer-lhes descrições utópicas de nada. A chave reside em compreender como Marx se considerava capaz de gerar esperança radical e invocar o espírito da revolução sem excluir o futuro ou minar os princípios da auto-emancipação e autodeterminação do proletariado. A chave reside em compreender por que, neste contexto, o recurso dos utópicos à especulação fantástica foi nada menos que tolo, obsoleto e reacionário.

¹ Este capítulo foi originalmente publicado em: COWLING, M.; MARTIN, J. (eds.) *Marx's Eighteenth Brumaire: (Post)modern Interpretations*, London: Pluto Press, 2002. A tradução foi realizada por Jadir Antunes e se optou por manter o sistema de referências de acordo com a versão original.

² Doutor em Filosofia e professor da Universidade de Sheffield na Inglaterra.

1. O socialismo utópico

Para Marx, como para outros na época, o termo "socialismo utópico" referia-se principalmente ao pensamento de Charles Fourier, Robert Owen e Henri Saint-Simon – “os três grandes”, por assim dizer - junto com luzes menores como Etienne Cabet e Wilhelm Weitling. Em que sentido, entretanto, esses pensadores foram considerados “utópicos”? O que, em outras palavras, Marx considerou “utópico” sobre os socialistas utópicos? A resposta a essa pergunta é fornecida por Marx quando ele dá conta da forma utópica assumida pelo pensamento socialista na época de sua primeira articulação:

Os primeiros socialistas (Fourier, Saint-Simon, etc.), uma vez que as condições sociais não estavam suficientemente desenvolvidas para permitir que a classe trabalhadora constituísse a si própria como uma classe militante, foram necessariamente obrigados a se limitar aos sonhos sobre a sociedade modelo do futuro [...].³

Aqui, Marx indica o que considera uma utopia, a saber, um sonho sobre a sociedade modelo do futuro. O que havia de “utópico” nos socialistas utópicos, portanto, era que eles se ocupavam em construir modelos da sociedade futura. Marx também indica que o socialismo utópico, como movimento, foi relevante porque foi um produto dos primeiros estágios do capitalismo, um período durante o qual o proletariado carecia tanto de autonomia histórica quanto de iniciativa política. Este ponto é desenvolvido no *Manifesto Comunista*, onde Marx e Engels falam das utopias dos utópicos que:

Esses quadros fantásticos da sociedade futura, pintados em uma época em que o proletariado está ainda em um estado muito subdesenvolvido e tem apenas uma concepção fantástica de sua própria posição, corresponderam aos primeiros anseios instintivos dessa classe por uma reconstrução geral da sociedade.⁴

Embora o estado subdesenvolvido do capitalismo, o proletariado e a luta de classes sejam os responsáveis pela forma utópica assumida pelo socialismo na época de seu surgimento, os socialistas utópicos originais ainda eram criticados por Marx por seu utopismo. Ou melhor, foram criticados

³ Karl Marx, ‘Political Indifferentism’, *C.W.*, Vol. 23, p. 394.

⁴ Karl Marx and Friedrich Engels, *Manifesto of the Communist Party*, *C.W.*, Vol. 6, pp. 515–16.

por disfarçar seus sistemas fantásticos sob o manto da ciência. Na verdade, é precisamente porque os primeiros socialistas - e isso se aplica igualmente a Fourier, Saint-Simon e Owen - proclamaram suas respectivas visões da humanidade emancipada como produto de um ardor científico rigoroso que Marx gastou tanto tempo apontando que, apesar de suas repetidas afirmações em contrário, os “doutores em ciências sociais” conseguiram inventar nada mais do que “fantasias idealistas”;⁵ que sua “nova ciência social” se resumia a introduzir “uma organização da sociedade especialmente concebida por esses inventores”;⁶ e que cada um deles buscou a ciência “em suas mentes”, em vez de uma interrogação crítica do movimento real do presente.⁷ Em suma, Marx se esforçou para enfatizar a natureza utópica - no sentido de fantástico, conjurado, inventado, imaginado e sonhado - das utopias dos utópicos.

Isso não significa negar a admiração óbvia de Marx pelos socialistas utópicos originais e seus ocasionais lampejos de inspiração. No entanto, deve-se ter cuidado para não exagerar a importância atribuída por Marx a suas ideias. Quando se tratava de suas descrições utópicas da sociedade, o melhor que Marx podia dizer era que eles já possuíam “valor de propaganda como romances populares”.⁸ É verdade que esses romances estavam “cheios dos materiais mais valiosos para o esclarecimento da classe trabalhadora”⁹, mas o valor deste material - na verdade, o valor dos sistemas utópicos - foi transitório e efêmero:

Na medida em que a luta de classes moderna se desenvolve e toma forma definida, essa fantástica posição separada do contexto, esses ataques fantásticos a ela, perdem todo valor prático e toda justificativa teórica.¹⁰

Na medida em que o partido se desenvolve, esses sistemas perdem toda a importância e, na melhor das hipóteses, são mantidos puramente nominalmente como lemas.¹¹

Foi nesse contexto que Marx atacou seus contemporâneos por continuarem a espalhar fantasias utópicas em uma época em que o

⁵ Marx, ‘Political Indifferentism’, p. 394.

⁶ Marx and Engels, *Manifesto*, p. 515.

⁷ Karl Marx, *The Poverty of Philosophy*, C.W., Vol. 6, p. 177.

⁸ Karl Marx and Friedrich Engels, *The German Ideology*, C.W., Vol. 5, p. 462.

⁹ Marx and Engels, *Manifesto*, p. 515.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ Marx and Engels, *The German Ideology*, p. 461.

proletariado, a luta de classes e o partido se desenvolveram a ponto de tais fantasias terem perdido toda importância, toda justificativa teórica e todo valor prático. Em uma carta a Sorge de 1877, Marx mal conseguia conter sua frustração:

Em particular, o tanto de esforço que fizemos para expulsar da cabeça dos trabalhadores alemães décadas atrás, garantindo assim sua ascendência teórica (e, portanto, também prática) sobre os franceses e ingleses, - ou seja, sobre o socialismo utópico, o jogo da imaginação na futura estrutura da sociedade, - é mais uma vez desenfreado e em uma forma muito mais ineficaz, não apenas em comparação com os grandes utopistas franceses e ingleses, mas com - Weitling. É lógico que o utopismo, que trouxe em si as sementes do socialismo crítico e materialista, antes do advento deste último, pode agora, *post festum*, parecer apenas tolo, obsoleto e totalmente reacionário.¹²

Marx assim definiu como “utópicos” aqueles socialistas que se entregam ao “jogo da imaginação sobre a estrutura futura da sociedade” e criticou os utopistas contemporâneos - com Eugen Dühring sendo o alvo específico do desprezo de Marx aqui - porque ainda agora estavam brincando com estas fantasias. Embora as fantasias de utópicos como Fourier e Owen possuísem um certo valor de propaganda, as fantasias tardias de Dühring não eram apenas fúteis (e a comparação desfavorável com Weitling significava que eram muito fúteis de fato) - eram tolas, antiquadas e reacionárias desde as raízes. A chave para entender por que Marx os considerava assim está em *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*.

2. Conteúdo e frase em *O 18 de brumário*

Em *O 18 de brumário*, Marx oferece uma breve análise histórica do papel desempenhado pelo imaginário utópico no processo de transformação social e política. A principal conclusão de Marx é que as frases utópicas têm desempenhado um papel compensatório, servindo para disfarçar a falta de conteúdo emancipatório radical nos movimentos históricos e políticos que foram chamados a justificar. O que distingue a revolução social do século XIX daquelas dos séculos XVII e XVIII, porém, é precisamente o fato de seu conteúdo ser tão real que nenhuma frase utópica pode fazer justiça a ele.

¹² Marx to Friedrich Adolf Sorge, 19 October 1877, C.W., Vol. 45, p. 283.

É notório que Marx começa sua análise lamentando o fato de que os revolucionários sempre sentiram a necessidade de disfarçar suas ações com roupas emprestadas do passado:

Assim, Lutero se disfarçou de apóstolo Paulo, a revolução de 1789-1814 se revestiu alternadamente de república romana e império romano, e a revolução de 1848 não pôde apresentar nada melhor do que parodiar 1789 em um ponto, a herança revolucionária de 1793-5 e outra.¹³

Os disfarces de 1789-95 diferiam daqueles de 1848, no entanto, porque formavam uma parte necessária do processo revolucionário:

Por pouco heróica que seja a sociedade burguesa, ela exigiu heroísmo, sacrifício, terror, guerra civil e conflito nacional para trazê-la ao mundo. E nas estritas tradições clássicas da república romana, seus gladiadores encontraram os ideais e as formas de arte, as autodecepções de que necessitavam, a fim de esconder de si o caráter restrito e burguês de suas lutas e se manter emocionalmente no nível da alta tragédia histórica.¹⁴

Os revolucionários exigiam “frases” romanas heróicas, a fim de ocultar de si mesmos a natureza não heróica do “conteúdo” da revolução. Na verdade, sem essas frases, o entusiasmo dos revolucionários teria diminuído e a própria revolução teria se desfeito. O mesmo é verdade para a Guerra Civil Inglesa, argumenta Marx, em que “Cromwell e os ingleses tomaram emprestada a linguagem do Antigo Testamento, paixões e delírios para sua revolução burguesa”.¹⁵ Como consequência, “a ressurreição dos mortos nessas revoluções serviu para glorificar novas lutas, não para parodiar as antigas; para magnificar fantásticamente a tarefa dada, não para não fugir de uma resolução real; para recuperar o espírito da revolução, não para relançar seu espectro”.¹⁶ Os disfarces de 1848, por outro lado, serviram para parodiar lutas antigas, fugir de resoluções reais, etc., porque:

A revolução social do século XIX não pode criar sua poesia do passado, mas apenas do futuro. Não pode começar até que tenha removido todas as superstições do passado. As revoluções anteriores exigiam lembranças da história mundial a fim de entorpecer-se ao

¹³ Karl Marx, *The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte*, this volume, p. 20.

¹⁴ *Ibid.*, pp. 20–1.

¹⁵ *Ibid.*, p. 21.

¹⁶ *Ibid.*

seu próprio conteúdo. A revolução do século XIX deve permitir que os mortos enterrem seus mortos para realizar seu próprio conteúdo. Lá a frase transcendeu o conteúdo, aqui o conteúdo transcendeu a frase.¹⁷

Ao argumentar que a revolução do século XIX não poderia inspirar-se no passado, Marx estava atacando os revolucionários que, em 1848, tentaram fazer exatamente isso e que, como consequência, estavam “evitando resoluções reais”. Além disso, no entanto, ele estava apontando que não importava que o conteúdo do futuro não pudesse ser formulado porque, em virtude de transcender quaisquer frases que pudessem ser conjuradas agora, atrairia apoio sem a ajuda do autoengano utópico. O conteúdo da revolução do século XIX transcendeu assim a frase em dois sentidos: primeiro, no sentido de que um conhecimento desse conteúdo estava além do alcance epistemológico de qualquer pessoa; e, em segundo lugar, no sentido de que a magnificência do próprio conteúdo vindouro desafiava a representação em termos das frases disponíveis para alguém agora - deveria ser tão qualitativamente diferente que estava além de nossas tentativas mais imaginativas de formulá-la.

Para Marx, essa compreensão recém-descoberta do conteúdo da revolução social do século XIX representou o fim do socialismo utópico. Não precisando mais de profetas utópicos e de suas fantasias obsoletas para entorpecer-se ao conteúdo de sua própria revolução, os proletários se mobilizariam em torno da promessa de um conteúdo destinado a superar e confundir todas as tentativas fantásticas de formulá-lo. Isso não quer dizer que Marx buscou inspirar esperança radical com base em uma fé cega na promessa de redenção futura. Pois essa excitação quiliástica era uma característica definidora, não das revoluções proletárias, mas sim das revoluções burguesas anteriores, nas quais “as pessoas e os eventos parecem ter um brilho de joia e o êxtase é o sentimento do dia”.¹⁸

Em total contraste, entretanto, as revoluções proletárias, como as do século XIX, se engajam em autocríticas perpétuas, sempre parando em seus próprios caminhos; elas retornam ao que está aparentemente completo para começar de novo, e ridicularizam com brutalidade selvagem as inadequações, os pontos fracos e os aspectos lamentáveis de suas primeiras tentativas; elas parecem derrubar seu adversário, apenas para que ele extraia novos poderes da terra e se erga con-

¹⁷ Ibid., p. 22.

¹⁸ Ibid.

tra elas mais uma vez com a força de um gigante; vez após vez, elas se afastam do alcance prodigioso de seus próprios objetivos, até que uma situação seja criada que torne impossível qualquer reversão.¹⁹

A força da revolução proletária reside em sua recusa em buscar “refúgio na crença em milagres”, sua recusa em “conjurar” o inimigo “na fantasia” e sua recusa em sacrificar uma compreensão do presente “a uma glorificação ineficaz do futuro”.²⁰ Em lugar da excitação estática, encontra-se assim uma autocrítica perpétua; em lugar de fantasias utópicas que emprestam aos eventos um brilho de joia, encontra-se uma compreensão do presente que esclarece repetidamente o proletariado do alcance prodigioso de seus objetivos; em vez de frases que transcendem, desmentem e disfarçam uma escassez de conteúdo real, encontra-se um conteúdo que transcende e desafia todas as tentativas de formulá-lo. Atraída pela promessa de um conteúdo tão desafiador, a revolução proletária do século XIX não se esconde por trás de qualquer disfarce, não se ilude com fantasias e não foge das resoluções reais. Neste contexto, apelar ao proletariado com imagens fantásticas da futura estrutura da sociedade seria nada menos que tolo, antiquado e reacionário.

3. Utopia política e derrota de 1848

Para Marx, os sistemas utópicos não tinham lugar na paisagem política de meados do século XIX. A construção utópica do sistema havia perdido toda a importância, todo valor prático e toda justificativa teórica. Por esta razão, o recurso final do proletariado a “experimentos doutrinários” é tomado como um indicador-chave de sua própria terrível derrota após a insurreição de junho de 1848, um símbolo de sua incapacidade de “redescobrir as proezas revolucionárias”.²¹ Como os discípulos utópicos criticados no *Manifesto Comunista* por se agarrarem ao “sonho de uma realização experimental de suas utopias sociais”,²² o proletariado também é lamentavelmente criticado em *O 18 de brumário* porque:

¹⁹ Ibid., pp. 22–3.

²⁰ Ibid., p. 23.

²¹ Ibid., p. 26.

²² Marx and Engels, *Manifesto*, p. 516.

[...] ele se lança *em experimentos doutrinários, bancos cooperativos e associações de trabalhadores, portanto, em um movimento que renuncia a uma derrubada do velho mundo por meio de seus próprios grandes recursos e, em vez disso, busca alcançar sua salvação nas costas da sociedade, privativamente, dentro de seus próprios limites e condições de existência e, portanto, necessariamente chegando a nada.*²³

Em outras palavras, os proletários estavam evitando uma resolução real para os conflitos sociais e, em vez disso, optaram por conjurar o inimigo por meio de vãos de fantasias ineficazes.

Evidentemente, “que a revolução estava prestes a sofrer uma humilhação sem precedentes” era claro para “qualquer observador competente”.²⁴ Com cada classe e partido unido contra ela (como o partido da ordem), e com “a organização do governo de classe burguesa” ainda incompleta, ainda para encontrar “sua mais pura expressão política”, a grande luta da classe proletária (o partido da anarquia) não poderia “emergir em uma forma pura” e estava, portanto, fadada ao fracasso.²⁵ No entanto, as revoluções proletárias se engajam na autocrítica perpétua e o recurso do proletariado à utopia foi para Marx um dos aspectos mais lamentáveis de sua primeira tentativa de revolução. Isso se torna ainda mais claro se lermos *O 18 de brumário* em conjunto com a análise anterior de Marx à primeira tentativa de revolução do proletariado, a saber, *As Lutas de Classe na França de 1848 a 1850*.

Lá, ele se refere repetidamente às auto-ilusões utópicas dos revolucionários, às “figuras mesquinhas” dos “doutrinários socialistas do proletariado”;²⁶ à maneira como suas ilusões, poesia e retórica emprestaram à revolução de fevereiro um “conteúdo imaginário”;²⁷ ao modo como a fantasia utópica de fraternidade universal engendrou uma “agradável dissociação dos antagonismos de classe e uma elevação visionária acima da luta de classes”;²⁸ ao fato de que a revolução de fevereiro não poderia trazer nada mais do que uma república burguesa porque “o proletariado de Paris ainda era

²³ Marx, *Eighteenth Brumaire*, p. 26. Itálico no original.

²⁴ *Ibid.*, p. 23.

²⁵ *Ibid.*, p. 56.

²⁶ Karl Marx, *The Class Struggles in France, 1848 to 1850*, C.W., Vol. 10, p. 98.

²⁷ *Ibid.*, p. 53.

²⁸ *Ibid.*, p. 58.

incapaz de ir além da república burguesa senão na fantasia, na imaginação”.²⁹

Somente com sua derrota em junho de 1848 a luta proletária atingiu o *status* de revolução proletária propriamente dita, porque lá “as frases deram lugar à coisa real”.³⁰ Este vislumbre fugaz à parte, entretanto, a coisa real difere das frases de “utopia do socialismo doutrinário”, que exalta “as maquinações mentais do pedante individual” e vê a emancipação da humanidade “como uma aplicação de sistemas que os pensadores da sociedade, seja em conjunto ou como inventores individuais, idealizam ou idealizam”.³¹ Crucialmente, o partido da anarquia é criticado aqui por;

[...] proclamar a si próprio como meio de emancipação do proletariado e a emancipação deste como seu objeto. Engano deliberado da parte de alguns; autoengano por parte dos outros, que vêem o mundo transformado segundo as suas próprias necessidades como o melhor mundo para todos [...].³²

Porque os porta-vozes do partido estavam dando suas próprias maquinações mentais pedantes como “o melhor mundo para todos”, eles estavam enganando as massas (e muitas vezes a si próprios) ao mesmo tempo em que se proclamavam profetas. Ao proclamarem que a emancipação da humanidade residia na realização de suas próprias visões particulares, em uma transformação do mundo de acordo com suas próprias necessidades particulares, os porta-vozes do partido da anarquia estavam aderindo a um modelo utópico de política socialista “que era a expressão teórica do proletariado apenas enquanto este ainda não tivesse se desenvolvido em um movimento histórico livre e dono de si próprio”.³³

É evidente que o proletariado se desenvolveu em um movimento histórico livre e próprio. Na verdade, Marx cita a eleição presidencial de 10 de dezembro de 1848, na qual o proletariado revolucionário apresentou e votou em seu próprio candidato, Raspail, em oposição ao pequeno burguês Ledru-Rollin, como “o primeiro ato pelo qual o proletariado, como um partido político independente, declarou sua separação do partido democrático”.³⁴ Tendo alcançado a independência política, “o socialismo

²⁹ Ibid., p. 66.

³⁰ Ibid., p. 69.

³¹ Ibid., p. 126.

³² Ibid.

³³ Ibid.

³⁴ Ibid., p. 81.

doutrinário fora cedido pelo proletariado à pequena burguesia”, enquanto “o proletariado se organizava cada vez mais em torno do socialismo revolucionário, do comunismo”.³⁵ De qualquer maneira pelo menos em teoria. Pois, na prática, essa mudança teórica e organizacional não ocorreu na extensão que Marx ansiava ou esperava. Nem os porta-vozes do proletariado nem o próprio proletariado deixaram os mortos enterrarem os mortos para realizar o conteúdo de sua própria revolução. Em vez disso, eles ainda estavam parodiando as velhas lutas e evitando uma resolução real para as suas próprias. Em suma, eles ainda não haviam aceitado o fato de que aqui, na revolução social do século XIX, o conteúdo transcendia a frase.

Tanto em *As Lutas de Classes na França* quanto em *O 18 de brumário*, Marx lamenta o fato de que o partido do proletariado revolucionário ainda estava engajado na fraseologia utópica. Não era isso uma questão menor de táticas mesquinhas de partido. Em vez disso, era uma questão de profunda importância teórica e política. Pois, embora os líderes revolucionários anteriores tivessem necessariamente conjurado frases utópicas fantásticas para disfarçar e ocultar o conteúdo banal e não heróico de suas respectivas revoluções, o conteúdo da revolução social do século XIX transcendia todas as tentativas de formulá-lo.

Mais do que isso, continuar a aderir a um modo utópico de política que vê as fantasias inventadas de falsos profetas dadas como o melhor mundo para todos é sacrificar uma compreensão do presente a uma glorificação ineficaz do futuro, embora pressuponha que os proletários compreendessem apenas frases indeterminadas e que fossem incapazes de determinar por si mesmos qual seria seu melhor mundo.

Com a insurreição de junho e a eleição presidencial de dezembro de 1848, porém, o proletariado se constituiu como uma classe independente e, assim fazendo, dispensou a necessidade de fantasias utópicas. Doravante, o proletariado tornava-se capaz de desenvolver a sua própria estratégia emancipatória, de deixar os mortos enterrarem os mortos para realizar o conteúdo da sua própria revolução. Apelar ao proletariado com imagens fantásticas da futura estrutura da sociedade era, neste contexto, tolice, antiquado e reacionário.

³⁵ Ibid., p. 127.

4. O conteúdo desafia a frase e as condições matérias da emancipação

Embora se possa argumentar que o próprio Marx pintou um quadro fantástico da futura estrutura da sociedade, dificilmente pode ser sugerido que ele o fez de uma forma sistemática ou que seu objetivo ao fazê-lo era construir uma visão utópica com a qual apelaria para o proletariado. Na verdade, a maneira assistemática em que a visão “utópica” de Marx é articulada e apresentada, junto com sua falta de detalhes e substância, foi reconhecida por quase todos os estudiosos que a discutiram.³⁶ Deixando de lado a questão de sua própria “utopia”, o que é certo é que Marx procurou em todas as oportunidades destacar as diferenças entre sua própria abordagem da realização do socialismo e aquela que ele associava aos utópicos. A principal diferença foi resumida por Marx e Engels assim:

O comunismo não é para nós um estado de coisas que deve ser estabelecido, um ideal ao qual a realidade [terá] que se ajustar. Chamamos de comunismo o movimento real que abole o presente estado de coisas. As condições deste movimento resultam das premissas agora existentes.³⁷

O comunismo foi concebido por Marx como um movimento, cujas premissas já existiam, em vez de um “fim” ideal, cuja realização exigiria ajustes feitos à realidade por alguns “meios” concebidos independentemente. Em sua própria mente, portanto, o que distinguiu suas idéias dos utópicos era que ele havia estabelecido um vínculo real e necessário entre o presente capitalista e o futuro comunista. Nunca antes essa ligação fora feita, ou, dito de outra forma, todas as tentativas anteriores de fazer essa ligação foram utópicas - imagens fantásticas da sociedade sem classes abstraídas dos horrores das divisões de classe contemporâneas e anunciadas como “deveres”.

O que Marx pensava que estava fazendo era novo, então, estava substituindo as abstrações fantásticas e o pensamento positivo que tipifica-

³⁶ Veja, por exemplo, David McLellan, ‘Marx’s View of the Unalienated Society’, in *Review of Politics*, Vol. 31, No. 4 (1969), p. 98; Bertell Ollman, ‘Marx’s Vision of Communism: A Reconstruction’, in *Critique*, Vol. 8 (1977), p. 8; Ruth Levitas, *The Concept of Utopia* (Hemel Hempstead: Philip Allen, 1990), p. 40; Terrell Carver, *The Postmodern Marx* (Manchester: Manchester University Press, 1998), p. 98.

³⁷ Marx and Engels, *The German Ideology*, p. 49.

vam o utopismo ao fundamentar o futuro socialista no presente. Desta forma, Marx se considerou capaz de argumentar que o conteúdo “aqui” realmente transcendia a frase, e ele explica como teóricos da classe proletária, como ele próprio, são capazes de articular o conteúdo que desafia as frases tão tentadoramente sugeridas em *O 18 de brumário*:

Enquanto o proletariado não estiver suficientemente desenvolvido para se constituir como uma classe e, conseqüentemente, enquanto a própria luta do proletariado com a burguesia ainda não tiver assumido um caráter político, e as forças produtivas ainda não estiverem suficientemente desenvolvidas no seio da própria burguesia para nos permitir vislumbrar as condições materiais necessárias à emancipação do proletariado e à formação de uma nova sociedade, estes teóricos são apenas utópicos que, para ir ao encontro das necessidades das classes oprimidas, improvisam sistemas e vão em busca de uma ciência regeneradora. Mas, na medida em que a história avança e com ela a luta do proletariado assume contornos mais claros, eles não precisam mais buscar a ciência em suas mentes; eles só precisam tomar nota do que está acontecendo diante de seus olhos e se tornarem-se seus porta-vozes.³⁸

Assim, descobre-se que a frase transcendeu o conteúdo - isto é, os teóricos eram necessariamente obrigados a se limitar à improvisação de sistemas utópicos - apenas enquanto as condições materiais para a emancipação do proletariado permaneceram obscuras. Uma vez que as forças produtivas se desenvolveram o suficiente para permitir um vislumbre dessas condições materiais, os teóricos poderiam se livrar das invenções da mente e se concentrarem no conteúdo radical que se desenvolvia diante de seus olhos.

Marx apresenta o mesmo argumento em seu obituário à Proudhon. Aqui, ele nos diz que “os utopistas estão em busca de uma chamada ciência” por meio da qual uma fórmula para a “solução da questão social deve ser concebida *a priori*”.³⁹ Imediatamente após isso, porém, e diretamente contrastando sua posição com a derivação utópica *a priori*, ele diz que deriva sua “ciência de um conhecimento crítico do movimento histórico, um movimento que produz, por si só, as *condições materiais para a emancipação*”.⁴⁰ Um ponto importante a se notar é que tanto aqui como em *A Misé-*

³⁸ Marx, *The Poverty of Philosophy*, pp. 177–8.

³⁹ Marx to J.B. Schweitzer, 24 January 1865 (‘On Proudhon’), C.W., Vol. 20, p. 29.

⁴⁰ *Ibid.*

ria da Filosofia são “as condições materiais para” a sociedade emancipada que se fundamentam no presente e não na própria natureza dessa sociedade.

A mesma frase reaparece no *Manifesto*, aparece novamente durante a crítica de Marx aos jacobinos, novamente nos *Grundrisse* e em outros lugares também.⁴¹ A partir disso, parece razoável concluir que a distinção fundamental (como percebida por Marx) entre sua própria posição e a dos utópicos - isto é, a distinção que lhe permitiu deslocar a falsa promessa das frases utópicas pela promessa real de um conteúdo que transcendesse todas as tentativas de expressá-lo - foi que ele descobriu “as condições materiais para a emancipação do proletariado”.

Em retrospectiva, provavelmente todos podemos concordar que as afirmações de Marx de ter feito tal descoberta foram baseadas menos na ciência do que em ilusões. O que nos interessa aqui, porém, é o que Marx pensava ter descoberto e o significado que atribuiu a isso. O que ele pensava ter descoberto - expresso em categorias usadas pelo próprio Marx ao contrastar especificamente sua posição com o utopismo - pode ser resumido da seguinte forma: que a “fúria crescente” das massas e “o desenvolvimento positivo dos meios de produção”, que juntos compreendem “as condições materiais para a emancipação do proletariado”, oferecem uma “garantia suficiente” de que quando “uma verdadeira revolução proletária” estourar, será a “sociedade sem classes contida dentro” dessas condições que surgirão.

Porque, portanto, “a sociedade atual está irresistivelmente tendendo por suas próprias agências econômicas” para uma “forma superior”, uma ciência baseada no conhecimento crítico desses fatos permite evitar as “fantasias idealistas” e derivações *a priori* que definem a metodologia utópica. Se a ciência “toma nota do que está acontecendo diante de seus olhos” também pode mostrar por que “aqui o conteúdo transcende a frase”.⁴²

⁴¹ Ver Marx and Engels, *Manifesto*, p. 514; Karl Marx, ‘Moralising Criticism and Critical Morality’, *C.W.*, Vol. 6, p. 319; Karl Marx, *Grundrisse*, *C.W.*, Vol. 28, p. 97; Karl Marx, First Draft of *The Civil War in France*, *C.W.*, Vol. 22, p. 499.

⁴² As citações desse parágrafo foram retiradas de: Marx to Ferdinand Domela-Nieuwenhuis, 22 February 1881, *C.W.*, Vol. 46, pp. 67; *ibid.*; Marx and Engels, *Manifesto*, p. 515; Marx to Ferdinand Domela-Nieuwenhuis, 22 February 1881, p. 67; *ibid.*; Marx, *Grundrisse*, p. 97; Karl Marx, *The Civil War in France*, *C.W.*, Vol. 22, p. 335; Marx, ‘Political Indifferentism’, p. 94; Marx to J.B. Schweitzer, 24 January 1865 (‘On Proudhon’), p. 29; Marx, *The Poverty of Philosophy*, p. 117; Marx, *Eighteenth Brumaire*, p. 22.

Ao articular essa descoberta e contrastá-la diretamente com a filantropia utópica, Marx estava se envolvendo em algo mais do que mesquinhas políticas partidárias. Seu objetivo não era apenas humilhar seus rivais políticos ou desenvolver uma linha política distinta que se diferenciava deles. Em vez disso, seu objetivo era demonstrar que seu próprio tipo de comunismo crítico havia substituído o socialismo utópico; que o próprio pensamento socialista se desenvolvera de tal forma que o comunismo crítico preservou e desenvolveu os aspectos radicais e inspiradores do socialismo utópico, enquanto resolvia e suprimia suas dimensões mais reacionárias.

Assim, a ideia de que os teóricos da classe proletária podem descobrir “as condições materiais para a emancipação” meramente tomando nota do que está acontecendo diante de seus olhos serve a vários propósitos distintos para Marx: primeiro, ao estabelecer que a emancipação do proletariado é fundamentada nas condições materiais do presente, as afirmações de Marx são mantidas com segurança dentro dos limites epistemológicos do presente; em segundo lugar, ao estabelecer, por mera observação, que a emancipação do proletariado está fundada nas condições materiais de sua própria existência, Marx evita a ideia de que essas condições devem ser importadas de fora; terceiro, porque são as condições materiais para a sociedade emancipada, e não a natureza dessa sociedade em si, que estão baseadas no presente, o futuro não está excluído; e, finalmente, ao enfatizar que as condições materiais para a sociedade emancipada do futuro estão alicerçadas no presente, os teóricos são capazes de glorificar e magnificar a luta do presente e, assim, capturar o espírito da revolução.

A crítica de Marx ao socialismo utópico, seu método histórico e seu projeto político tornaram-se assim inextricavelmente entrelaçados. O materialismo histórico se torna mais do que apenas uma teoria da história; torna-se uma teoria da história capaz - como o foi o socialismo utópico nos séculos XVII, XVIII e início do XIX - de colocar as pessoas em movimento, imbuindo-as do necessário otimismo do futuro para invocar o espírito da revolução. Ao fundamentar suficientemente a existência de um mundo futuro de emancipação humana nas condições materiais do presente, Marx não só (em sua própria mente) permitiu aos trabalhadores conceituarem um futuro melhor, mas o fez sem excluir o futuro ou recorrer às enganosas exortações do profeta utópico. Como consequência, o socialismo utópico, na era do socialismo materialisticamente crítico de Marx, tornou-se tolo, obsoleto e reacionário desde as raízes.

Conclusão

Embora as visões utópicas já tivessem possuído valor de propaganda como romances populares, elas haviam, para Marx, perdido toda a importância, toda a justificativa teórica e todo o valor prático na época em que ele mesmo estava escrevendo. Os utópicos contemporâneos dele foram ridicularizados por venderem fantasias antiquadas que se tornaram tolas, obsoletas e reacionárias. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* nos ajuda a discernir melhor as dimensões teóricas e políticas da crítica radical de Marx à construção dos sistemas utópicos.

Permite-nos perceber claramente que os utopistas contemporâneos se tornaram tolos porque a própria política utópica se tornou contraproducente, sacrificando (como ficou evidente após a derrota de junho de 1848) uma compreensão do movimento real do presente por uma glorificação ineficaz do futuro. Permite-nos reconhecer que a formulação utópica de frases se tornou obsoleta porque Marx revelou que o conteúdo da revolução social do século XIX transcendera todas as tentativas de formulá-la. E, finalmente, deixa claro que o modo utópico de política tornara-se reacionário porque ignorou, negou e sufocou a criatividade política da classe proletária.

Uma interpretação do próprio projeto político de Marx o veria como uma tentativa de capturar e reter o núcleo radical e inspirador do socialismo utópico, ao mesmo tempo em que resolve e transcende suas dimensões mais reacionárias - paternalistas, messiânicas, enganosas. Este continua sendo um projeto aguardando conclusão. Por um lado, a crítica de Marx do socialismo utópico era sofisticada e precisa (na medida em que seria difícil identificar utopias políticas na tradição socialista que não exibisse suas próprias celebrações pedantes como o melhor mundo para todos), enquanto, por outro lado, o significado político da esperança radical - de acendê-la e aproveitá-la - dificilmente exige uma declaração.

Na verdade, pode-se até dizer que o problema (metodológico e político) de gerar esperança radical e, assim, capturar o espírito da revolução sem o auxílio de frases utópicas enganosas - em outras palavras, o problema de argumentar persuasivamente que existe um conteúdo emancipatório para ser ganho, mas que transcende todas as tentativas proféticas de expressá-lo - é uma das mais complexas e significativas daquelas questões que Marx nos legou.